

A MEMÓRIA AMOROSA E ARTÍSTICA DE GIOVANNA E OS POEMAS SUMÉRIOS

Daniela do Carmo Francisco¹

Poderia ser estranho, mas ao me debruçar sobre o conto Giovanna e os poemas Sumérios, foi absolutamente encantador acompanhar uma paixão aristotélica e capturar um desejo único de uma mulher cuja vontade e amor fossem ser transformados em poemas, e se apaixonar por esse poeta que conduziria esse desejo. Ao analisar o conteúdo filosófico deste conto que une memória, amor e arte, enriquecida de virtudes e pureza logo em sua narrativa contendo o diálogo de Diego de Petra e Giovanna, e com a interferência do próprio autor, Jorge, que traz um esclarecimento sobre estar apaixonado e de estar lúcido, buscando uma nova explicação para um final feliz a seus personagens, onde a cada passo, a literatura e a filosofia se mostram presentes junto a ficção.

Imaginar um amor puro que se constrói nas virtudes, na confiança, e o principal, na verdade, definindo esse sentimento que Giovanna tem por Diego e pela literatura, e ao se ver construindo esses momentos, que se transformam em belas lembranças na saudade, Diego começa a lamentar em não ter sua amada por perto, e nem sequer saber onde ela está. Ao terminar de dizer essas palavras, com as lágrimas escorrendo por seu rosto, retoma o fôlego e continua a dizer como foram os sete anos inesquecíveis deste sincero amor e de como ele se preparou e estudou para realizar o sonho de Giovanna, de virar poemas escritos em tabuletas de argila em sumério. E relatando o começo quando se conheceram, o tão famoso “primeiro e-mail”, desde então seu romance estava apenas no início de uma jornada rodeada de aventuras, de aprendizados e etc. Poderia esse relacionamento ser só uma ilusão? Para algumas pessoas, a resposta seria sim, e outras não, ou seria só um sonho de Diego? Que profissionalmente era escritor poeta pós-moderno e estava acostumado em escrever belezas naturais, reflexões e etc., e que para Giovanna, ele era um homem bem preparado, pois em sua concepção, sabia o valor sentimental e a importância de realizar o seu maior sonho.

Quando tentamos refletir no amor que eles mostram, e quando o autor se coloca no diálogo, gerando um debate, nota-se a preferência do autor em defender a lucidez, mostrando que o amor para eles seria uma ilusão, pois são personagens, e seu amor é uma fantasia. Incrível compreender como a

¹ Aluna do Curso de Filosofia da Universidade Mackenzie.

filosofia trabalha neste sentido, poderia ser imaginado que o autor já teria deliberado, e por isso prefere a lucidez como o melhor caminho, para que seus personagens não sofram e que não estejam presos a uma paixão platônica rodeada de interesses voltados a bens materiais. Portanto, notamos a filosofia neste impasse, para o autor, a importância da felicidade dos dois está na razão, e por isso a lucidez seria o caminho ideal, e nos argumentos de Giovanna e Diego, ambos defendem que o melhor momento da vida é quando amamos, por mais que tenham momentos belos e tristes, e que a realidade apenas aumentaria a dor da ausência por mais que tudo esteja claro e objetivo, não se conformariam que o melhor é a solidão. Para definirmos melhor esse caminho amoroso, filosófico e literário, citarei um pouco do pensamento de Aristóteles, isto é, na ética aristotélica, o importante é buscar o melhor para si e realizar seus deveres na boa vontade para chegar ao sumo Bem, a felicidade.

Ou seja, Diego e Giovanna não se conformam por entender porquê não devem viver juntos para sempre serem felizes, sendo que neste momento é que a emoção fala mais alto. Como defesa, Diego usa em seus argumentos contra Jorge os momentos que Boécio viu a própria filosofia, uma linda mulher que veio e secou suas lágrimas dentro da prisão, e o deu o conforto na hora de sua morte, e até mesmo Dante, que reencontrou Beatriz no purgatório, e logo entraram juntos no paraíso. Neste momento o que Giovanna e Diego desejavam era ser feliz, e que continuassem acrescentando mais um parágrafo, onde finalmente um poderia encontrar o outro e continuar vivendo seu lindo amor. Isso fez com que Jorge refletisse.

A questão da memória se encontra rapidamente nas lembranças de Diego, Giovanna e Jorge, logo, ligados ao passado e ao futuro. Diego e Giovanna que relatavam seu grande amor para Jorge, e a importância de dar continuidade a felicidade aristotélica, e mesmo pensando na lucidez provaram que a união, o sentimento, o carinho e todo gesto voltado para o amor não é uma ilusão, e sim uma pureza conectada a duas almas virtuosas. E em seguida, Jorge os mostra uma visão do futuro, dando mais profundidade e sutileza nos acréscimos de novos parágrafos, após ter escrito um novo parágrafo no qual eles se encontrarão no dia seguinte.

Sem a lembrança, como saberíamos o que é tempo, o passado, e os motivos da vida? Se tivermos essa lembrança do passado, com toda certeza ela pertencerá ao tempo da memória e da alma, como a grande importância viver os momentos, sendo que os instantes se passam e o futuro é inevitável e virá, como na narração, quando o arqueólogo encontra as tabuletas de argila depois de cinco mil anos. Com isso, Jorge se refere a uma expectativa do futuro, e quando ele estava em reflexão, começa a relembrar de Giovanna, de seus cabelos, de sua doçura, de seu encanto e do toque especial que ela transmitiu a Jorge nos momentos em que ela insistia pedindo, derramando abundantes lágrimas, que o fez comover, e refletir qual seria o

melhor futuro para suas personagens: Ficar no final lúcido no qual eles ficam separados ou num “felizes para sempre”?

Bem, vale ressaltar que Jorge, escutou, compreendeu, deliberou e concluiu que a felicidade para os dois era manter o casal unido, e que daqui os cinco mil anos, um novo casal que estivessem lendo o poema que Diego dedicou para Giovanna poderia se espelhar no futuro, nessa história de amor do passado. E para esse casal que estão sentados, nos cais de um porto, em frente ao pôr do Sol, que encontrem a felicidade, assim como Giovanna que voltou alegre com seus cabelos jogados no ombro, parou e bateu à porta da casa de Diego, e assim que ele abriu, viveram “felizes para sempre”.

Notamos uma visão artística no conto, localizadas nos fragmentos em que Diego resolve fazer as tabuletas dialogando com Américo Melchior (outro personagem que trabalha com conselhos, via on-line), que seria uma forma de introduzir ambas a literatura e a arte juntas, quando ele escreve e molda com argila, transmitindo um valor amoroso que atrai Giovanna para aprender junto com seu amado, para praticar esse sentimento puro, compartilhando essas virtudes numa justa medida que os torna cada vez mais apaixonados. E no futuro, após os cinco mil anos, quando foram encontradas as tabuletas, o jovem arqueólogo as usou como título de sua tese de seu doutorado, e em seguida foi transformado em livro. Por fim, foram levadas as tabuletas para uma exibição no museu com filas enormes, isto é, a forma em que a arte chama a atenção para que o espectador capture a essência daquela mensagem, para deixar de uma forma caracterizado tamanho amor, lembrança e arte que Diego teve e produziu com o apoio de Giovanna.

Concluímos a importância da arte, para uma nova filosofia, literatura e ficção, por isso que o autor finaliza a história dando um presente a Giovanna, imaginando “um casal de namorados lendo os poemas que Diego fez para você, sentados diante do mar, no cais de um porto, numa tarde de outono, com uma leve brisa no rosto, enquanto o pôr-do-sol derrama sobre o horizonte as suaves cores do ocaso e as folhas caem longe num parque distante”... Essa é a maior imagem do amor, da lembrança e da arte do autor para suas personagens.

[Texto na íntegra do conto "Giovanna e os poemas sumérios"](#)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Os Pensadores: Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUTIERREZ, Jorge Luis. *Filosofia e Literatura*. São Paulo: Giostri, 2015.